



TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO, LINGUÍSTICA CONTRASTIVA E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ÂMBITO ACADÊMICO

Hugo Lopes e Silva possui Licenciatura Plena em Letras (duplo perfil, Português-Inglês) pela Universidade de Pernambuco. Cursa o Mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco. Interessa-se não apenas pelos estudos literários, mas também pelos estudos linguísticos e pelo ensino de Língua Inglesa.

E-mail: hugolopess@gmail.com

Wanessa V. R. Cavalcanti é graduada no Curso de Letras na Universidade de Pernambuco com duplo perfil Português-Inglês. Atualmente, é mestranda em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco. Atua no campo dos estudos literários e no campo dos estudos tradutórios.

E-mail: wanrossiter@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo defende o uso da Teoria e Prática da Tradução e da Linguística Contrastiva como instrumentos que podem ajudar na formação do Licenciando em Letras com perfil duplo Português-Inglês, uma vez que as aulas de Língua Inglesa no âmbito acadêmico, em sua maioria, acabam se voltando para a aquisição da língua e não para o desenvolvimento de um estudo crítico do idioma estrangeiro.

Abstract

This article advocates the use of the Theory and Practice of Translation and the Contrastive Linguistics as tools that can help the formation of the student in Language Degree with two profile Portuguese and English, since English classes in the academic context are focused, mostly, on the acquisition of the language and not for the development of a critical study of the foreign language.

1) Introdução

Quando se trabalha com o ensino de Língua Inglesa, é importante ter-se em conta duas dimensões que envolvem o idioma – o Inglês como língua estrangeira e o Inglês como segunda língua. A primeira insere-se em comunidades nas quais o Inglês é falado e faz-se necessário o seu aprimoramento para uma melhor integração com a sociedade, i.e., em lugares em que há mais de uma língua oficial; já a segunda, é usada em comunidades em que o Inglês não é falado – como, por exemplo, o Brasil, onde o uso da Língua Estrangeira (LE) restringe-se a ambientes específicos (salas de aula, reuniões de trabalho); ambas as dimensões, contudo, parecem fugir à dimensão acadêmica, pois estão relacionadas à aquisição do idioma estrangeiro.

Nas licenciaturas de Letras com duplo perfil Português-Inglês, é a segunda dimensão que acaba por ser utilizada, uma vez que não é enfatizada a criticidade no ensino da LE, não sendo apresentado ao aluno um estudo mais profundo do idioma, de modo que as aulas acabam, de certa forma, por serem guiadas em duas posturas distintas: ou são adotados, pelo professor, métodos semelhantes aos dos cursos de idiomas, ou é promovido um enfoque quase que exclusivo nos aspectos gramaticais da língua. Uma e outra atitudes pecam por não fornecer ao estudante meios que possibilitem um maior contato com os chamados elementos constitutivos da língua, contato que não está ausente quando se estuda a Língua Portuguesa, não se tratando

apenas de aprender o idioma e suas regras, mas de entendê-lo como objeto de estudo e buscar a percepção de seu funcionamento.

Por sua vez, os alunos que ingressam em universidades para o curso de Letras com o perfil mencionado tendem a acreditar que disporão de fórmulas ou manuais que os capacitarão a dominar uma LE. A disciplina de Língua Inglesa, no curso de Letras, tende a ser vista como um curso avançado que irá certificar o aluno a falar o idioma. Defendemos, aqui, que o Curso de Letras deva fazer com que o estudante entenda e questione a língua e não a utilize de forma mecânica, como um estímulo-resposta. Com esse desenvolvimento, há uma ligação direta à ampliação, também, das habilidades da Língua Materna, utilizando, como instrumento, a Teoria e a Prática da Tradução, o que pode ser possibilitado, também, pelo trabalho com a Linguística Contrastiva.

Assim, tendo por motivação o quadro mencionado, nossas pesquisas têm como proposta base especular em torno da possibilidade de se inserirem a Teoria e Prática da Tradução (TPT) e a Linguística Contrastiva (LC) como instrumentos que possam auxiliar o desenvolvimento de um diálogo crítico na disciplina de Língua Inglesa, sendo necessário, para isso – tendo em vista uma discussão mais ampla para viabilizar tal estudo – o conhecimento prévio do idioma estrangeiro por parte do estudante. Desse modo, nosso trabalho dividiu-se basicamente em três etapas: estudo teórico acerca dos dois instrumentais em pauta; entrevista destinada a professores da área; e pesquisa de campo em Instituições de Ensino Superior.

2) Textos estudados: conhecendo os instrumentais

Partindo do exposto, faz-se mister, em um viés propedêutico, trilhar caminhos que guiem ao embasamento tanto no que concerne à TPT quanto à LC. Assim, em benefício da brevidade, optamos por uma sucinta (mas suficiente) explanação dos dois instrumentos aqui em destaque.

A tradução é um dos principais veículos de comunicação entre culturas que falam diferentes línguas, proporcionando a difusão de ideias, pensamentos e opiniões nos variados meios. Os primeiros usos desse instrumental remontam ao de 250 a.C., sendo a *Odisseia* de Homero a primeira tradução feita para o latim. Segundo Furlan (2001, p.16), a prática da tradução, entre os romanos, estava presente no aprendizado da gramática e da retórica. A tradução, ainda de acordo com seu pensamento, “é concebida como a produção de uma réplica através da diferença, do deslocamento, da substituição e da apropriação cultural ou canônica.” (Furlan, 2001, p.16).

Trilhar pelos caminhos da tradução significa o desenvolvimento de diversas habilidades. Aquele que trabalha com a arte de traduzir deve estar ciente da fidelidade para com o texto traduzido, i. e., o tradutor não é autor, e, por isso, não lhe cabe efetuar alterações quanto ao sentido do texto. As alterações possíveis estão ligadas à sintaxe, à gramática de cada língua, ao sentido cultural. O tradutor deverá, sim, verter o texto de modo que o leitor entenda-o de acordo com o conhecimento cultural que possui da sociedade em que vive. Seu trabalho é verter, usando os termos de Catford (1980), da

Língua Fonte (LF) para a Língua Meta (LM) conforme o autor faria caso falasse a LM em questão. No entanto, para que isso ocorra, é preciso que o tradutor possua conhecimento profundo tanto da LF quanto LM.

Resgatando o juízo de Rónai (1990, p.110), de fato, “traduzir se aprende traduzindo”, porém, sem uma teoria não existiria uma aliança na produção de traduções e a quantidade de traduções infielis seria, provavelmente, bem maior. Não haveria fidelidade quanto ao uso de palavras no texto, e qualquer palavra poderia ser omitida caso o tradutor bem desejasse. De acordo com Greuel,

Assim como o conhecimento humano, enquanto ato, precede a teoria do conhecimento, o ato da tradução precede à teoria da tradução. Porém, é apenas através da reflexão teórica sobre a tradução que se pode identificar um ato como ato de tradução, como também somente no âmbito da teoria do conhecimento se identifica o que é conhecimento. (Greuel, 1996, p.30)

Outrossim, é preciso que o tradutor esteja familiarizado com o gênero que irá verter, caso isso não aconteça, o texto pode até mesmo ser inutilizado. O tradutor deve ter em mente, portanto, que “ler um livro estrangeiro é uma coisa, traduzi-lo é outra, completamente diferente” (Silveira, 1972, p.10); um leitor nem sempre deixa a leitura de lado porque não entendeu uma palavra, em contrapartida, o bom tradutor não deixa de lado uma palavra por não conseguir traduzi-la.

Para que um tradutor realize um trabalho correto, outros conhecimentos são necessários. É importante que ele domine, de certa forma, a gramática das duas línguas: deve, também, como bem aponta Coracini (2005/2, p.12) “pesquisar não só a parte linguística, mas também sociedade, literatura, história, política, etc.” Através dessa prática, é possível, ainda, adquirir competências linguísticas tanto da Língua Materna quanto da LE – fonética, fonologia, léxico, morfossintaxe, semântica e, de acordo com Gonçalves (2006), competências pragmáticas e sociolinguísticas em ambas as línguas envolvidas no processo.

Logo, para referendar nossa hipótese, dedicamo-nos a leituras que englobassem a tradução em diversas facetas e a leituras basilares que abordavam a LC. Uma das leituras centrais foi a de Gonçalves (2006), em seu texto *Um panorama do ensino de tradutor e a busca da competência do tradutor*, que traz informações sobre as habilidades abordadas nos cursos de tradução, qual a sua relevância e quais habilidades são mais utilizadas. No texto de Azenha Jr. (2006) *O lugar da tradução na formação em Letras: algumas reflexões*, foi possível compreender como é vista a prática da tradução na sala de aula e em suas análises linguísticas. Com o volume *Língua Inglesa: leitura*, de Totis (1991), percebemos como são abordadas matérias que dizem respeito aos tipos de métodos utilizados ao longo da História do ensino. O material de estudo englobou, também, Stupiello (2006), que, em *O ideal e o real no ensino universitário da tradução*, enfoca premissas e realizações da instrução em tradução no contexto do Ensino Superior.



No outro percurso, Lado (1957) faz a LC emergir a partir da comparação sistemática da língua e da cultura a serem aprendidas com a língua e cultura do estudante; porém, diferentemente de nossa pesquisa, seu objetivo era – separando a língua em cinco níveis, fonético, gramatical, vocabular, de escrita e de cultura – prever e descrever os padrões de comportamento da língua que iriam ou não causar dificuldades de aprendizado de uma segunda língua, sendo este processo utilizado por ele o ponto chave de nossa pesquisa. Cabe comentar que esta noção de comparação e contraste já foi muito discutida e, para evitar qualquer tipo confusão conceitual, guiamo-nos em Toury *apud* Malmkjær (1999, p. 14), segundo quem a LC é uma disciplina voltada tanto para as diferenças como para as similaridades.

No campo do estudo linguístico, alguns teóricos foram fundamentais no que concerne ao tratamento dado aos instrumentais em pauta. Ao se falar em tradução, não podemos deixar de mencionar *Uma Teoria Lingüística da Tradução* de Catford, que parte de uma análise estruturalista das línguas traçando de forma universal os tipos gerais que compõem a tradução, tais como equivalência tradutória e a questão do significado, pois cada texto tem um significado próprio e, mesmo havendo variações de um idioma para o outro, os componentes linguísticos podem exercer papel semelhante na mesma situação “Os itens da Língua Fonte (LF) e da Língua Meta (LM) raramente têm o mesmo significado no sentido lingüístico; mas podem funcionar na mesma situação” (Catford, 1980, p.54).

Saindo um pouco da esfera estruturalista e partindo para a ação exercida pela sociedade no desenvolvimento da linguagem, destacamos *Language*, de Sapir (2004), um livro que nos remete à questão cultural e aos fatos de uma língua, que, apesar de não ser o enfoque de seu livro, é de suma importância para o desmembramento quase que fotográfico de como a língua funciona, de como ela é realmente usada pelo falante, pela sociedade. A este respeito e sobre técnicas de obtenção de dados para uma análise linguística a fim de descrever a língua e seus fatos, *Princípios de Lingüística Descritiva*, de Perini (2006), é um livro detalhado referente aos níveis sintático e semântico de uma língua e que mostra de maneira clara o trabalho do linguista de “formular hipóteses e fundamentá-las o melhor possível nos fatos da língua” (Perini, 2006, p.31).

3) Elaboração do questionário e entrevistas

Na esteira do que foi apresentado, o passo seguinte deste trabalho consistiu em um levantamento conceitual e de ordem funcional sobre os instrumentos em questão. Foram convidados a participar quarenta docentes de diferentes instituições públicas de Ensino Superior por meio da base de dados da Plataforma Lattes, vinte ligados à área de Tradução e vinte ligados à área de Linguística, vinculados, indistintamente, a licenciaturas e a bacharelados, com a única restrição de que a Língua Inglesa fizesse parte do perfil de seus cursos, para, então posteriormente, aplicarem-se dois

questionários (um para cada área) construídos a partir das leituras realizadas no início da pesquisa.

As perguntas foram elaboradas com a intenção de entender o que os professores pensam a respeito do emprego de expedientes referentes à atividade tradutória no Curso de Letras e, de modo geral, averiguar qual era o conhecimento do entrevistado acerca da LC, como reagiam às teorias de base e se, para eles, tais aplicações metodológicas poderiam ajudar na formação do Licenciando.

O contato foi feito por correio eletrônico e, dos quarenta docentes consultados, apenas nove atenderam ao chamado – seis da área de Tradução e três da área de Linguística –, obtendo-se de modo geral um resultado positivo. Rodrigues Junior (2008), p. ex., comenta a respeito de suas próprias práticas:

Além dos tópicos relacionados à Tradução *per se*, há também uma ênfase nas literaturas de expressão inglesa, portuguesa e brasileira, nos cursos de produção e leituras de textos em Inglês e Português, de gramática contrastiva, lexicografia, entre outros tópicos. (Rodrigues Junior, 2008)

O entrevistado não apenas concorda com a introdução da TPT nas aulas de Língua Inglesa, como também apresenta outros meios de utilizá-la em sala de aula. Vale ressaltar: mesmo aqueles professores que não possuem a prática da Tradução acreditam que a sua incorporação à prática de ensino pode auxiliar na conscientização da língua estudada; do mesmo modo, há aqueles que trabalham na área e, por isso, possuem maior facilidade em compreender essa aplicação “ajuda muito na conscientização da língua que está sendo aprendida. Na universidade, é sempre de interesse saber a fundamentação teórica e não somente a parte prática” (Milton, 2008).

Dos professores da área de Linguística, as perspectivas não foram diferentes, um deles apresentou-se ligado aos objetivos de Lado:

Partindo-se do pressuposto de que o estudante de Letras [em questão] é licenciando, e não bacharelando, o foco no contraste pode contribuir na formação de um professor consciente das diferenças entre inglês e português, o que possibilitará a ele pensar em procedimentos didático-pedagógicos e escolher materiais instrucionais que facilitem a aprendizagem por parte de seus alunos luso-falantes. (Praxedes Filho, 2008)

Já os outros dois foram além, habilitando e incentivando o uso da LC de forma mais efetiva, ligando-a ainda aos estudos tradutórios: “[A Linguística Contrastiva pode ajudar na formação do licenciando], para desenvolver uma metalinguagem e consciência sobre o funcionamento da língua(gem)” (Dourado, 2008); Bolonhini diz:

Na verdade, a aprendizagem de uma língua estrangeira, principalmente devido ao contraste com a língua materna, ajuda o licenciando a desenvolver sensibilidade para aspectos de sua língua materna. Como esse processo envolve sempre a tradução, pois não é possível descartar a língua materna do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, a formação do licenciando se torna mais rica com o estudo contrastivo. (Bolonhini, 2008)

À luz do foi coletado, notamos que o assunto não é pacífico, e mesmo deixando claro que a intenção da proposta não é formar tradutores, mas sim professores mais capacitados, houve entrevistados contrários à incorporação da TPT por motivos que também invalidariam o uso LC. Estes alegam que “deve ser feita uma distinção entre os alunos de Letras das Licenciaturas e dos Bacharelados” (Oliveira, 2008), por não haver tempo nas Licenciaturas para a demanda em foco. Outros ainda afirmaram que não há necessidade de o aluno ingressar em uma universidade com conhecimento prévio da LE, “qualquer estudante que entre numa faculdade para se formar numa profissão não tem qualquer obrigação de ter conhecimento prévio sobre o assunto de sua formação profissional” (Brandão, 2008). Se se levar em consideração outros cursos, como o de Direito, de fato, não parece ser relevante o ingresso com conhecimentos prévios das leis, sejam elas constitucionais ou legislativas; mas é importante que se entre com o conhecimento da Língua Portuguesa. Um estudante que ingresse no curso de Medicina não precisa ter conhecimento aprofundado do que será abordado; no entanto, é preciso que o estudante possua pelo menos algum conhecimento, pois até mesmo quando é prestado o vestibular são estudados os assuntos que serão futuramente aprofundados. Sendo assim, continua a ser sustentável a noção da LE antes de ingressar no Curso de Letras.

4) Pesquisa de campo: observação das aulas

No sentido de firmar essa premissa, fez-se necessário obter dados mais concretos a respeito da inclusão tanto da TPT quanto da LC. Dessa forma, foi indispensável a observação de aulas uma vez por semana para atestar a validade dos instrumentais. Foram três as turmas observadas durante um semestre letivo em duas instituições públicas de Ensino Superior, uma turma na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e duas turmas na Universidade de Pernambuco (UPE), tendo por objetivo constatar até que ponto a Teoria e a Prática da Tradução e a Linguística Contrastiva estavam presentes, enquanto procedimento metodológico, nas aulas de Língua Inglesa.

Apesar de as ementas falarem do desenvolvimento reflexivo por parte do aluno, e com acesso prévio ao conteúdo programático da disciplina, pudemos perceber que a prática em sala de aula não corresponde ao que está escrito, e, dentro de um perfil já mais ou menos esperado, no que confere a LC, em duas das turmas que acompanhamos foi possível detectar algo que se aproximava de métodos vistos em Lado, tanto a nível gramatical quanto a nível vocabular. No que diz respeito à TPT verificamos muito mais a possibilidade de aplicá-la do que a prática propriamente dita. Ora, era de se esperar que a tradução não fosse tão explorada pelos professores observados já que não possuíam esse recurso como algo que pudesse ampliar as habilidades dos estudantes de licenciatura, porém acreditávamos que nos momentos em que a tradução fosse trabalhada pelos professores estes pudessem aprofundá-la com outras habilidades.

Um dos professores que observamos apresentava em suas aulas uma maior preocupação em adicionar palavras novas ao vocabulário de seus alunos, apresentar traduções de palavras descontextualizadas, sem contar que a comparação entre língua nativa e língua estrangeira era mínima. Um outro professor possuía um perfil mais gramatical, sempre apresentando a gramática em um contexto, fazendo-se comparações com o português quando a turma realmente não entendia o que estava sendo passado. Um fator inesperado foi encontrar um professor que apresentasse um perfil fonético; as aulas dessa turma eram exclusivamente voltadas para fonologia da Língua Inglesa, sendo das três turmas observadas a que mais se aproximou do processo de comparação e contraste entre línguas e em que o português eventualmente era utilizado. Por outro lado, a disciplina observada foca justamente na aquisição dos sons de língua estrangeira, compreensão dos sons produzidos e como pronunciá-los, sendo, por isso, um estudo que acaba valendo por si só. No campo da TPT, a observação dessa última turma não possibilitou que nos aprofundássemos no campo da Teoria e da Prática da Tradução, uma vez que o foco da aula se dirigia apenas ao som e às articulações dos fonemas da Língua Inglesa. Ainda assim, nos três perfis a comparação se dava exclusivamente pela tradução e não por algo mais sistemático como visto em Lado. E mesmo trabalhando com a tradução nesse perfil, ainda assim não registramos a tradução voltada para o desenvolvimento de habilidades ligadas à própria formação do estudante. Era abordada como um mero meio de facilitar a comunicação. No entanto, o uso da tradução já é um aspecto positivo de incorporação desses instrumentos, restando apenas promover, confinante aos professores, meios que os possibilitem estender a prática tradutória para outras disciplinas e esferas – Literatura Inglesa e Americana, Linguística, Pragmática, aspectos culturais, gêneros.

A nossa intervenção resultou em uma visão prática daquilo que só tínhamos visto na teoria, deixando claro o quanto é difícil detectar nas aulas de Língua Inglesa mecanismos que se utilizem tanto da Linguística Contrastiva quanto da Teoria e Prática da Tradução, conforme vogamos, e o quanto são elementares os poucos recursos presentes em sala de aula que apresentem uma mínima aproximação com estudos iniciados por Lado no final da década de 1950. Os professores ou não têm consciência do valor reflexivo ao se ministrar a disciplina ou não sabem ainda ao certo como administrar tal proposta de modo a estabelecer em sala de aula uma dinâmica mais ofensiva no que diz respeito ao desenvolvimento crítico do aluno em relação a seu objeto de estudo.

Como é possível observar, a tradução se entrelaça de forma bastante coerente com a LC, ressaltando as habilidades necessárias para o estudante de licenciatura em Letras, tanto na esfera da Língua Inglesa quanto da Língua Portuguesa. Não apenas com esta disciplina a Tradução se entrelaça; passível de desenvolver competências sejam elas Linguística e Pragmática – tanto na Língua Materna quanto na Língua Estrangeira –, recorremos a Gonçalves & Machado (2006) no que concerne às competências ligadas ao desenvolvimento tanto da LE quanto da Língua Materna, conhecimento de ambas as

culturas das línguas em foco, conhecimentos temáticos e o próprio conhecimento acerca da tradução *per se*.

Pois bem, durante nosso percurso de investigações sobre a Tradução notamos que a atividade, seja de um conto ou de um artigo, demanda muito mais do que o conhecimento prévio da LE. Sem excluí-lo da LE que, de fato, é de suma importância, recorremos a Silveira (1972):

as melhores traduções são feitas, quase sempre, por tradutores que conhecem a obra, o ambiente e a personalidade literária do autor, tal como esta se reflete em seus livros. São feitas por tradutores que conhecem a história, a literatura e as tendências literárias, sociais, econômicas e filosóficas da época e do país em que viveu o autor. (Silveira, 1972, p. 11)

A noção dessas áreas não diz respeito apenas aos tradutores, mas sim, aos professores que almejam desenvolver suas habilidades quanto às disciplinas que irão lecionar. Ao aprofundar essa pesquisa, nos deparamos com o questionamento de um professor: sendo o curso de licenciatura, ao incorporar métodos de tradução, se assim fizéssemos, não estaríamos formando professores, mas sim, tradutores? Entrementes, possuir conhecimento relacionado à tradução não é condição *sine qua non* para se tornar um tradutor, o que aqui vogamos é justamente uma permuta entre recursos que podem promover a problematização de outras áreas também relacionadas ao Curso de Licenciatura em Letras. Se há um meio que permita formar professores mais capacitados, por que não incorporá-lo na formação do licenciando, sabendo que tanto a LC quanto a TPT podem sim funcionar como meio a radicar o conhecimento?

5) Conclusão

Após um ano e meio de pesquisa, entre leituras, fichamentos, levantamentos bibliográficos, discussões com o professor-orientador e intervenções em sala de aula, percebemos de fato o quanto a proposta é válida, pois ficou claro que as aulas de Língua Inglesa no âmbito do Ensino Superior possuem lacunas que permitem a utilização tanto da LC quanto da TPT como instrumentais que podem contribuir na formação do licenciando em Letras com perfil Português-Inglês. E a tradução usada de forma consciente apresenta-se como um meio facilitador desse processo. Os professores em sala de aula algumas vezes traduziam para serem melhores compreendidos, mas não pensavam reflexivamente em tal ato, no contraste que poderia ser feito entre as duas línguas envolvidas. Como a simples tradução é usada nos momentos de dificuldade de compreensão, nesses momentos a Linguística Contrastiva seria utilizada evidenciando não somente aspectos da Língua Inglesa como também os aspectos da própria Língua Portuguesa.

Dessa forma, não apenas acreditamos na possibilidade de incorporar a TPT e a LC à formação do licenciando em Letras com duplo perfil Português-Inglês, mas como também acreditamos que a partir dessa incorporação os estudantes possuirão um





conhecimento mais embasado acerca do assunto estudado. O método avaliativo nas aulas observadas pode, muito bem, ser comparado ao de um curso de idiomas, com o foco apenas na aquisição da língua. Se assim permanecer o ensino de LE no Curso Superior muito provavelmente só encontraremos, entre os alunos formados, professores capacitados a ministrar aulas apenas em sua língua nativa. Como dito anteriormente, o foco de introduzir esses instrumentais é de qualificar os futuros professores e não formar tradutores. A partir do que observamos em sala de aula notamos que para incorporar esses instrumentos será preciso muita dedicação por parte dos professores para que possam mudar a maneira de ministrar suas aulas. Porém, quando se melhora de um lado o outro também tende a melhorar, e, assim, será possível formar professores capacitados e satisfeitos no sentido de estudar a Língua Inglesa e não apenas aprender a falá-la.

Referências Bibliográficas

AZENHA Jr., J. **O lugar da tradução na formação em Letras**: algumas reflexões. Cadernos de Tradução, Florianópolis, n. 17, p. 157-188, 2006.

BOLONHINI, C. Z. Publicação Eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <traducao.upe@gmail.com> em 14 de jan. 2008.

CATFORD, J. C. **Uma Teoria Linguística da Tradução**: um ensaio de linguística aplicada. São Paulo: Cultrix, 1980.

CORACINI, M. J. R. F. **O Sujeito Tradução entre a “sua” Língua e a Língua do Outro**. Cadernos de tradução, Florianópolis, n 16. p. 9-24, 2005.

DOURADO, M. Publicação Eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <traducao.upe@gmail.com> em 14 de jan. 2008.

FURLAN, M. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente, I Romanos**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, n 8. p. 1128, 2001.

GREUEL, M. V. **Reflexões Fenomenológicas sobre a Teoria da Tradução**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, n 1. p. 28-36, 1996.

GONÇALVES, J. L. V. R.; Machado, I. T. N. **Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor**. Cadernos de tradução, Florianópolis, n. 17, p. 45-69, 2006.

LADO, R.. **Linguistics across cultures**: applied linguistics for language teachers. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1957.

MALMKJÆR, K.. **Descriptive linguistics and translation studies**: interface and differences. Utrecht: Platform Verlaten & Vertaalwetenschap, 1999.

MILTON, J. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <traducao.upe@gmail.com> em 25 jan. 2008.

PERINE, M. A. **Princípios de Linguística Descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PREXEDES FILHO, P. H. L. Publicação Eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <traducao.upe@gmail.com> em 2 de fev. 2008.

RODRIGUES JR., A. S. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <traducao.upe@gmail.com> em 17 jan. 2008.

RÓNAI, P. **Escola de Tradutores**. São Paulo: EDUSC, 2002.

SAPIR, E. **Language: an introduction to the study of speech**. Mineola: Dover, New York, 2004.

SILVEIRA, B. **A Arte de Traduzir**. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

STUPIELLO, E. N. A. **O Ideal e o Real no Ensino Universitário da Tradução**. Cadernos de tradução, Florianópolis, n. 17, p. 129-139, 2006.

TIOTIS, V. P. **Língua inglesa: leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

Anexos

Questionário elaborado para os professores da área de Linguística

1. Que breve definição/conceituação você propõe para o ramo do conhecimento da linguagem denominado Linguística Contrastiva?
2. Jakobson defende a ideia de que qualquer comparação entre duas línguas implica um exame de sua mútua traduzibilidade. Você concorda com a asserção? Por quê?
3. O termo 'contraste' sugere uma concentração nas diferenças entre as línguas (no nosso caso, Inglês e Português). De que maneira esse foco pode contribuir na formação do estudante de Letras (independentemente da habilitação a que ele se vincule)?
4. Em sua opinião, a Linguística Contrastiva e os Estudos Descritivos de Tradução podem ajudar na formação, especificamente, do licenciando em Letras com habilitação Inglês-Português? Por quê?
5. Segundo Toury, uma exaustiva descrição contrastiva das línguas envolvidas em um inquérito é uma pré-condição para qualquer estudo de Tradução. Como você avalia essa

afirmação, levando em consideração a sua aplicabilidade na formação do licenciando em Letras com habilitação Inglês–Português?

6. São sempre perceptíveis as peculiaridades culturais dos idiomas que se estudam contrastivamente. Em sua opinião, seria possível, com a Linguística Contrativa e os Estudos Descritivos de Tradução, dimensionar melhor essas diferenças? Como?

Questionário elaborado para os professores da área de Tradução

1. Nesta pesquisa, acreditamos no emprego da Tradução na formação do licenciando em Letras com habilitação Português–Inglês. Em sua opinião, seria importante esse estudante se aproximar do que é Teoria e do que é Prática da Tradução? E que noção você tem da introdução da Teoria e da Prática da Tradução em licenciaturas em Letras com a referida habilitação?

2. A Teoria e a Prática da Tradução podem possibilitar o estudo de quais elementos/tópicos no contexto de uma Licenciatura em Letras com habilitação Português–Inglês?

3. É de conhecimento comum que grande parte dos estudantes de Letras ingressa na universidade com pouco ou quase nenhum conhecimento da língua estrangeira (particularmente, quando se pensa no Inglês). No entanto, é grande a importância de um conhecimento mínimo da Língua Inglesa para quem se disponha a tomar parte de um curso superior que envolva esse idioma. Segundo João Azenha Júnior, "É possível diminuir a divergência entre os conhecimentos da língua materna e da estrangeira". Será que essa afirmação se sustenta, mesmo com o pouco conhecimento da Língua Inglesa de vários graduandos? Seria possível almejar tal resultado?

4. Parece verdadeira a noção de que (até mesmo no Ensino Superior) o desempenho de estudantes em leitura e em compreensão de texto é insatisfatório. Qual o seu pensamento sobre o papel da Teoria e Prática da Tradução no desenvolvimento das habilidades de escrita e de leitura e compreensão de textos? Qual é a sua prática docente, hoje, para desenvolver essas habilidades nos discentes?

5. Com a prática da Tradução, os estudantes têm oportunidade de se conscientizarem dos usos que fazem de recursos linguísticos da língua estrangeira e da materna, entre outras capacidades. Poderia comentar algum método que você utiliza para abordar esses fatores?

